



Chrys Chrystello*

O que é a Lusofonia - Parte 8

20 anos de colóquios de 2002 - 2022

“Revisitei a sempre atraente City of Niagara Falls, construções arquitetónicas interessantes, a igreja mais pequena do mundo, limpeza impecável, jardins bem cuidados. Ficava ali a viver e aproveitar os turistas que a visitam, para conversar com eles.”

Do Canadá à Galiza, Set.º 2012

Quando aterramos punha-se o sol na bela capital do Ontário. No avião lotado a ex-secretária da emigração, Manuela Aguiar, ia (como nós) ao Simpósio dos 65 anos de Português na Universidade de Toronto. Contudo, a cena que ficará registada, a da guerra campal, sem tréguas nem pausas, entre açorianos e lusodescendentes, que se atropelavam, uns contra os outros, para retirar a bagagem do carrossel. Juro nunca ter assistido a nada semelhante. O pisoteio ou debandada são acidentes em que a multidão, causa o esmagamento de pessoas, quando está a tentar ir para um lugar, e os de trás empurram para a frente, sem saber que estão a ser esmagados. Só não caí, por mais que uma vez, devido à visão estereoscópica, aliada aos reflexos que me restam. Assevero jamais ter visto brutalidade, falta de civismo, primitivismo assim. Nem nos países mais atrasados da Ásia, há 40 anos, se via uma cena destas, vergonha. Deixei que a turbamulta se afastasse, e o carrossel ficasse vazio antes de me aventurar a retirar a bagagem.

A espera na saída do aeroporto, as limusinas (normais e esticadas ou “stretch”), mas modestamente escolhemos um táxi, com a notável característica de o taxista não nos importunar com cavaqueira. Deixou-nos no Comfort Inn na esquina de Charles e Yonge (pron. Young).

A multa por fumar no quarto era de 250 \$ segundo disseram no check-in. Demos umas voltas pelas redondezas e jantamos num restaurante com comida chinesa, japonesa, tailandesa, vietnamita.

No dia livre fomos às cataratas com o casal Casteleiro (a Conceição nunca lá estivera), um SUV duma companhia de simpáticos indianos, bem dispostos (motorista fardado a rigor), veio buscar-nos (parecia o filme Men in Black) e levou-nos pelos lagos Ontário e Eyre. Paramos num aérodromo para quem ia voar ou andar de helicóptero e visita ao vinhedo onde se produzia o elusivo ice wine colhido aquando dos primeiros nevões, uma gota de cada bago. Chegamos ao enorme e intenso espetáculo das cataratas, que não cessa de impressionar. A água que, incessantemente transborda do Eyre para Ontário deixa qualquer um boquiaberto. Continua a seduzir-me a ilhota que fica antes da queda da água no lado canadiano, a atração pelo abismo. Apetecia ficar à espera que se desprendesse e fosse arrastada catarata abaixo. Já em 1999 tive esse sentimento de ir a nado contra a corrente, sentado na ilhota e esperar...

Revisitei a sempre atraente City of Niagara Falls, construções arquitetónicas interessantes, a igreja mais pequena do mundo, limpeza impecável, jardins bem cuidados. Ficava ali a viver e aproveitar os turistas que a visitam, para conversar com eles. Não tivemos tempo, íamos a pé e demoramos no bar Prince of Wales a comer enormes sandes de carne canadiana.

Desde que ali estive (1999) notou-se do lado americano, a construção de um enorme mirante ao nível da queda e trilhos descendo à base das cascatas, se bem que menos interessante do que na metade canadiana. Desta vez, devido a ventos contrários, apanhou-se imensa água e a enorme coluna de vapor, nesse dia, ia a centenas de metros de altura caindo sobre os que andavam nos barcos Misty Maid e os que em terra faziam a marginal até Table Rock. Jantamos ao lado do hotel, no restaurante Wish, com os Bechara acabados de chegar.

Depois de levantar cedo, fomos ao restaurante japonês (ao lado do Comfort Inn) onde se tomava um pequeno-almoço por 7,50 dólares canadianos (6€). Pusemo-nos em marcha rumo ao Simpósio, liderados pelo Malaca Casteleiro, com passo de ganho. A Manuela Marujo que patrocinava a ida a Toronto, para os 65 anos do Dept.º de Estudos Portugueses da Universidade, avisara que em marcha lenta demoraria dez minutos do hotel ao Victoria College, estranhamente só passados 45 minutos chegamos ao campus da Universidade e acabámos por ser conduzidos por um suco que trabalhava no departamento e falava português com sabor brasileiro. Afinal, não seguimos em linha reta na Charles Street que distava, de facto, dez minutos, fomos para outro extremo da universidade que é uma cidade dentro da cidade...

As sessões decorreram bem, menos assistência do que antevi.



Inenarrável pela curiosidade e única era a sensação surreal e fantasmagórica de almoçar na cafetaria onde foram gravados os filmes de Harry Potter. Estar naquele cenário assombroso era fazer parte da História se bem que fosse de ficção.

Ao fim do primeiro dia fomos agraciados com um jantar volante no belo terraço panorâmico dos anfitriões (Manuela Marujo e Domingos). Fomos num táxi de seis pessoas, mas o taxista sem GPS (era do Paquistão) perdeu-se por zonas menos recomendáveis da George St. No quarto dia, estávamos com os Aguiar (Luís e Vitália) e os Malaca (ficavam mais dois dias). O casal Bechara regressara na véspera. Como só partíamos à noite, fomos visitar a CN Tower, 474 m de altura. Compramos lembranças, a acrescentar às das cataratas e redondezas do hotel. Regressamos da bela cidade sem esperanças num Colóquio em Toronto (para isso lá fui) e poucas para Montreal onde o casal Aguiar, do Camões podia obter patrocínios.

Do Canadá rumo à Galiza, 18º Colóquio, Out.º 2012

Retornamos a PDL cedo sem chuva, viemos à Lomba da Maia onde estava o João. Mudamos de malas, e com chuva e a ameaça da Nadine partimos para o Porto via Lisboa. Sempre que fazemos desvio pela capital do reino, as malas ficam para trás. Desta vez foi só até à manhã seguinte. Dois dias, a ver o crescimento da neta mais nova (14 meses), matar saudades da filha mais velha, e da matriarca, minha mãe, rija nos seus 89 ½ anos, Ali celebrei 63 outonos.

Trocamos o carro por uma carrinha de 9 lugares, rumo a Ourense com Alamo Oliveira, Zé Nuno da Câmara Pereira (n. 1/4/1937, m. janº 2018), Ana Paula Andrade e Carolina, Paulo Melo, Francisco Madruga (a conduzir), e nós bastante cansados.

O Colóquio teve pouco público local, havia duas exposições (Vasco Pereira da Costa e Zé Nuno da Câmara Pereira), artesanato da Salga (Nordes-te). Fomos prestar preito à Consellaria (Câmara Municipal) onde a Presidente interina nos recebeu e agraciou. Era a terceira presidente em 3 semanas: o eleito fora preso, depois substituído pela Vereadora da cultura e agora esta.

No primeiro dia houve sessão especial para empossar 8 novos académicos (eu entre eles) correspondentes da AGLP. Um momento emocional. Não vim pela via académica, mas pela tradutologia. Depois da emoção em 30 março 2010 ao proferir uma palestra na Academia Brasileira, agora esta imerecida honra académica. Interessante o lançamento dos 40 anos de vida literária em simultâneo um CD com a trilogia História de Timor e a Crónica do Quotidiano Inútil, um livro em capa dura que é a coletânea de 5 volumes de poesia 1966-2012.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713